

O FIM DA PICADA

ROBERTO LOUREIRO

Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Loureiro, Roberto

O fim da picada / Roberto Loureiro. -- Cuiabá,
MT : Entrelinhas, 2015.

ISBN 978-85-7992-079-0

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras
I. Título.

15-05574

CDD-869.3
-869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3
2. Crônicas : Literatura brasileira 869.8

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Capa e ilustrações Marcelo Velasco
Finalização e fotografia Helton Bastos
Revisão Marinaldo Custódio
Assistente na edição Walter Galvão



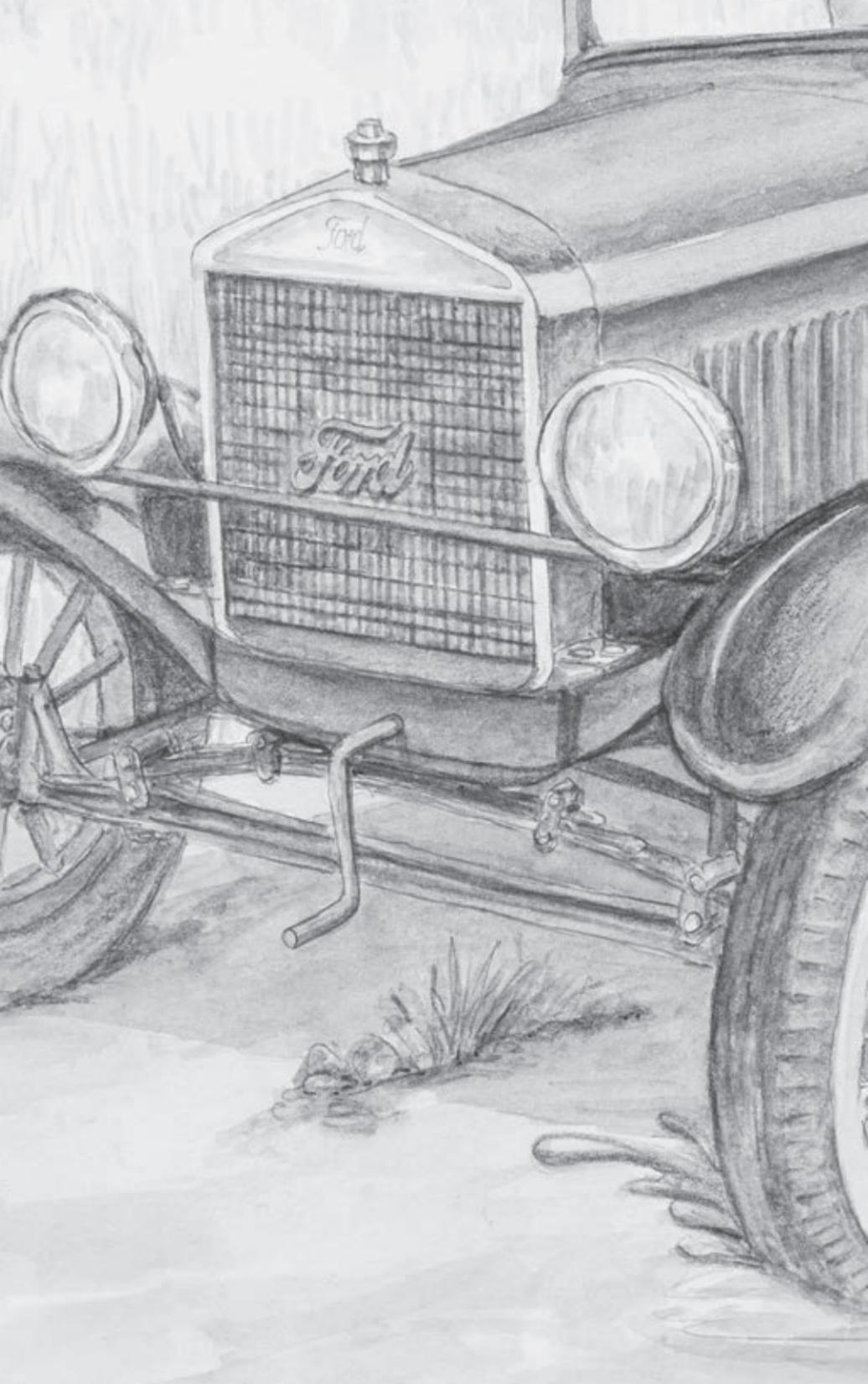
Av. Senador Metelo, 3773, Jardim Cuiabá | Cep: 78.030-005 | Cuiabá-MT
Tel.: (65) 3624 5294 | 3624 8711
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma
colaboraram para a realização desta obra.
Em especial à minha esposa Raquel e filhos pelo
apoio moral e logístico recebido durante o trabalho.
A José Antônio Lemos dos Santos pelo incentivo
e persistência na vindicação, por mais de 20 anos,
para que escrevesse essas histórias. Valeu!
À Maria Teresa Carrión Carracedo, amiga
que acreditou neste projeto e deu o suporte
imprescindível para que este livro fosse editado.





Foram os contadores de casos, repórteres e cronistas de antanho, que inspiraram estes contos. Em particular destaca Manoel Silva, trabalhador braçal, seringueiro, poaieiro e garimpeiro, seus misteres, que, com uma genialidade nata para a graça e uma inteligência aguda para observar o cotidiano das gentes, fazia a alegria da comunidade em rodas de conversas, com performances inesquecíveis de seu humor contagiante. Sabiamente apelidado de Manoel Alegria, distribuía felicidade de graça. Em seu nome homenageio todos os contadores de histórias e humoristas que elegeram como tema de suas apresentações a cultura de Mato Grosso.



Será mesmo o fim, ou o início?

*Ivens Cuiabano Scaff*¹

Roberto Loureiro já demonstrou ser um grande observador da cultura mato-grossense, como se constata no livro *Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições*, também publicado pela Entrelinhas, em que aborda os múltiplos aspectos e transformações do nosso Estado, gerando um conhecimento enciclopédico que surpreendeu até mesmo os maiores conhecedores da nossa história, das nossas histórias e lendas.

Como exemplo as noivas fantasmas que compuseram o desfile da Escola de Samba Mangueira que homenageou nossa terra e gerou tanta polêmica. As noivas polêmicas estão lá, sim, no livro de Roberto. Esse livro indispensável em toda casa, em toda escola, em toda biblioteca mato-grossense é o resultado de anos de vivência e observação de dentro-pra-fora deste riquíssimo universo em mutação.

1 Escritor, poeta e médico, autor de livros infantojuvenis e de poesia. Membro da Academia Mato-grossense de Letras.

Agora com este *O fim da picada* ele mostra ser também um excelente ouvinte, já que “se você quer ver, escuta!”. Ao ler este livro é impossível não visualizar Roberto em várias idades ouvindo casos – não dizemos causos – nas reuniões familiares e vizinhança com cadeiras nas calçadas – o que fui de serões de meia província, no dizer de Fernando Pessoa –, em conversas de botecos, nas longas viagens por estradas ora poeirentas ora lamacentas por esse Mato Grosso antigo, pelos sertões de seringais e matas de poaia cujo epicentro era a sua Rosário Oeste.

Enquanto o rio abaixo era cantado em prosa, verso, música e artes cênicas – vide *Rio acima rio abaixo*, peça de Glória Albues –, agora Roberto Loureiro vem preencher uma lacuna com estes relatos, muitos com certeza ouvidos no silêncio apenas interrompido pelo canto triste das se-riemas sempre em casais ou pela saudação melancólica das jaós, enquanto se esperava por horas e até dias o socorro a um carro atolado.

Este livro não deveria ser lido. Melhor seria dizer: escute este livro. Peça a alguém que o leia. Pra você. Pra vocês, se possível reunidos. Pelas suas características de oralidade que Roberto preserva de maneira magistral.

Mas chamar estas histórias de casos é de certa forma diminuí-las porque ao contrário dos coscorões vamos nos deliciar com deliciosos pastéis dos mais variados recheios. Recheios de crônicas desses confins de Mato Grosso.

Eleições, coronéis, a corrupção que já rolava nos velhos tempos, assombrações de porta de cemitério, festas de santo, conversas de pescadores, pés de garrafa – mito só nosso sem correspondente em outras regiões do Brasil –, a

aparição de uma linda mulher na cata – correspondente à Dama do Lago do ciclo arturiano –, histórias de comitiva lembrando aventuras de cavaleiros medievais ou o Grande Sertão do Rosa, mulheres infiéis, são recriadas com o cuidado e fidelidade de um historiador.

A disseminação de um fuxico por duas vias. A das patroas pelas visitas às comadres e amigas e a das empregadas por cima dos muros dos quintais é uma das passagens mais pitorescas de uma história de um duelo ao pôr do sol.

Histórias que beiram o inconveniente como administrar a eliminação de *flatus* em reuniões políticas e destemperos intestinais se salvam pela jocosidade ou mesmo pela solidariedade a um menino em apuros.

E os personagens inesquecíveis! Moleques endiabrados como Percílio (Ciínho), “um sapeca de fazer inveja a sacis de beira de porteira”. Canivete, capetinha simpático e escovado, meninos traquinas cujo divertimento era atirar com estilingue em casa de marimbondos-tatu, ou Tiririca, do alto dos seus dezesseis anos transformando em tragédia uma viagem ao seringal do Galera.

Valentões como Quinzinho que se jactava de quinze defuntos no passivo, Mau Cidão, o Mão Peluda, Miro Bagança, que sempre acabam se dando mal por confronto com personagens franzinas e cheias de esperteza. Patrões fanfarrões, personagens reais facilmente identificados pelos mais velhos ao lado de outros que talvez não identifiquemos por não termos vivido essa civilização rio acima, de matas de poaia, de seringais e sertões do Galera, figuras tão cruéis como rainhas más de contos de fadas, caso da cultíssima Senhorinha.

O fechamento das histórias com uma frase síntese que se poderia ousadamente chamar de pós-título, mais que posfácio, mostra o respeito pela estrutura dos casos. Ouvimos assim frases como “sono chegando, todo mundo pra rede que a lide outro dia prometia dia seco e muito pó”, “A vingança do bardo da parede, consumada”, “um sonho esparramado pelo cerrado”... entre tantas outras.

Ouvir de novo palavras e expressões quase perdidas. Vá lá. Estão no dicionário. Algumas. Sovéus. Aviluada, ‘até na pituca’, sarobá, jupindás, montarias (canoa de chimbuva), baguá...

Um conselho: se eu pegasse este livro agora, eu o leria devagar, uma história de cada vez, “pepinando” pra demorar mais a acabar.

Uma certeza: sairão todos, depois de ler este livro, muito mais mato-grossenses.

Fim, ou início da picada?